

Julia Quinn

Suzanne Enoch • Karen Hawkins • Mia Ryan

NADA ESCAPA A
Lady
WHISTLEDOWN



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SUMÁRIO

UM AMOR VERDADEIRO

Suzanne Enoch

9

DOIS CORAÇÕES

Karen Hawkins

85

UMA DÚZIA DE BEIJOS

Mia Ryan

181

TRINTA E SEIS CARTÕES DE AMOR

Julia Quinn

233

Querida leitora,

Há vários anos, quando comecei a escrever o livro que viria a se tornar *O duque e eu*, criei uma colunista de fofocas fictícia chamada lady Whistledown, cujos trechos das colunas abriam cada capítulo. Posso afirmar, com toda a franqueza, que me colocar no papel de lady W. era algo que me proporcionava um prazer inigualável. Ela era uma personagem sarcástica, irônica, perspicaz e, quando necessário, compassiva. Então, quando ela “se aposentou”, em *Os segredos de Colin Bridgerton*, depois de agraciar as páginas de quatro dos meus romances, senti muito sua falta.

Entretanto, como a cada porta fechada uma janela se abre, surgiu a oportunidade de ter lady Whistledown de volta como “narradora” de uma antologia. Evidentemente, agarrei a oportunidade, embora deva confessar que na época não sabia bem no que estava me metendo. Os quatro contos aqui apresentados têm uma pequena ligação entre si: a heroína de Suzanne Enoch derruba a minha em uma festa de patinação no gelo, e, quando o herói e a heroína de Mia Ryan discutem em público, o fazem em um baile oferecido pelos personagens de Karen Hawkins. Eu, como autora das colunas de lady W., tive que acompanhar cada detalhe, inclusive a cor dos olhos e dos cabelos dos personagens! Não foi fácil, mas com certeza me diverti muito.

E assim, eu, Suzanne Enoch, Karen Hawkins e Mia Ryan temos o prazer de lhe apresentar *Nada escapa a lady Whistledown*. Histórias não faltam na Londres de 1813, e lady W. continua eloquente como sempre.

Divirta-se!





Suzanne Enoch

UM AMOR VERDADEIRO

CAPÍTULO 1

Lady Anne Bishop está de volta à cidade, bem como o restante da alta sociedade, ansiosa para desfrutar do tempo gélido e dos céus encobertos. Londres sofre com uma onda de frio jamais vista em sua história; até mesmo o imponente Tâmsa congelou. Esta autora não pode deixar de se perguntar se isso significa que maridos de toda a cidade terão agora que realizar as promessas que vinham adiando, com alegações como: “No dia em que o Tâmsa congelar, vou me desfazer daquela cabeça de javali horrorosa pendurada na parede da sala”, ou “admitir que sofro de gota”, ou “prestar atenção às sábias palavras da minha esposa” – você, querida leitora, pode incluir aqui o que quiser.

No entanto, apesar da tendência que o frio tem de conferir ao nariz um tom avermelhado pouco atraente, a alta sociedade parece estar, de fato, adorando a nova temperatura, nem que seja pelo caráter inusitado. Lady Anne Bishop foi vista fazendo anjinhos na neve na companhia de sir Royce Pemberley, que, não podemos deixar de observar, não é seu prometido.

Há de se perguntar se o incidente levará o marquês de Halfurst, a quem lady Anne foi prometida em casamento desde que nasceu, a deixar seu lar em Yorkshire e vir para Londres finalmente conhecer a mulher com quem vai se casar.

Ou talvez, quem sabe, ele esteja satisfeito com a situação. Afinal, nem todo cavalheiro deseja uma esposa.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

24 de janeiro de 1814

Lady Anne Bishop pousou as cartas na mesa.

– Pronto – disse, sorrindo –, já lemos as três. Suas opiniões, senhoritas?

– O convite do Sr. Spengle me parece o mais fervoroso – comentou Theresa DePris com um risinho, passando os dedos de leve na carta. – Usou quatro vezes a palavra “coração”.

– E “ardente”, duas.

Anne riu.

– Além disso, é o que tem a melhor caligrafia. Pauline, o que acha?

– Como se você se importasse com caligrafia, Anne – respondeu a Srta.

Pauline Hamilton, rindo com desdém. – Todas sabemos que vai ao teatro com lorde Howard, então pare de ostentar suas cartas de amor diante de nós, pobres almas desafortunadas.

– Não são cartas de amor, por Deus.

Sem achar graça da situação, Anne pegou a carta de lorde Desmond Howard. Ele era o mais espirituoso de seu círculo de jovens conhecidos, com toda a certeza. Mas amor? Que absurdo.

– Então o que diria que significam essas cartas? Todas no estilo “gosto-muito-da-senhorita”?

Franzindo levemente a sobrancelha, Anne colocou a carta de volta à posição original.

– É tudo brincadeira. Ninguém leva nada disso a sério.

– Por quê? Porque você foi prometida em casamento quando tinha 3 dias de idade? – continuou Pauline, com um sorriso afetado. – Acho que você leva o acordo ainda menos a sério do que seus pretendentes.

– Pauline, você de repente está se revelando uma moralista e tanto... Não tenho pretendentes e também não fiz nada de errado.

– Além disso – acrescentou Theresa, voltando ao debate –, quando foi mesmo que Annie recebeu uma carta de lorde Halfurst?

– Nunca! – concluíram em uníssono as duas amigas, rindo.

Annie também riu, embora não tivesse achado tanta graça assim. Para começo de conversa, nas histórias românticas, o prometido combatia bruxas e derrotava dragões. Não devia ser tão difícil escrever uma carta, mesmo na desolada Yorkshire.

– Exatamente – respondeu, enfim. – Nem uma palavra, que dirá uma frase, em dezenove anos. Por isso mesmo não quero ouvir mais nenhuma tolice sobre meu prometido criador de ovelhas – continuou, inclinando-se para a frente. – Ele sabe exatamente onde moro. Se escolhe viver o mais longe possível de Londres, não há nada que eu possa fazer.

Theresa suspirou.

– Então nunca vai se casar?

Anne afagou a mão da amiga.

– Recebo uma renda mensal, passo a maior parte do ano em Londres por causa do cargo que meu pai ocupa no gabinete, tenho os melhores amigos do mundo e recebo convite para todos os eventos, mesmo no meio do inverno. Se isso não é uma vida perfeita, o que mais seria?

Pauline balançou a cabeça.

– E quanto ao seu marquês criador de ovelhas? Acredita que permanecerá

em Yorkshire até ficar velho e morrer? Se resolver se casar, não terá que ser com você?

Anne estremeceu. A Srta. Hamilton sempre sentira prazer em encontrar obstáculos no caminho das pessoas.

– Não dou a mínima para o que ele fizer.

– Talvez morra em um acidente enquanto tosa uma ovelha – sugeriu Theresa.

– Ora, não desejo que nada de ruim lhe aconteça! – retrucou Anne na mesma hora.

Deus, se ele morresse, cairia a única barreira que a protegia da mãe, iniciando-se assim uma eterna chateação: teria que encontrar um marido. Como as coisas estavam, podia colocar a culpa pela falta de um companheiro na ausência do marquês. E seria errado casar-se com outra pessoa sem o consentimento dele.

– Gosto dele exatamente onde está... bem longe daqui.

– Hum – murmurou Theresa, pensativa. – Você diz isso agora, mas...

A porta da sala de estar abriu-se com um ruído.

– Anne, venha aqui agora! – ordenou a mãe.

Lady Daven estava com o rosto pálido. Por um momento, Anne imaginou que podia ter acontecido alguma coisa com o pai.

– Mamãe, o que houve? – perguntou, pondo-se de pé.

– É ele! – exclamou a condessa, sem um olhar sequer às outras duas damas presentes. – Ora, por que você está usando isto? O que aconteceu com seu vestido azul novo?

– Como assim, mamãe? Do que está falando? – insistiu Anne, lançando às amigas um olhar de desculpas ao se aproximar da porta. – Ele quem? Papai?

– Não, *ele*. Halfurst.

Anne ficou sem ar, o nervosismo silencioso ecoado em voz alta por Theresa e Pauline:

– *Como assim?*

– Chega de demora – replicou a mãe, o tom áspero, pegando-a pelo cotovelo e conduzindo-a pelo corredor.

– Mas... o que ele está fazendo aqui?

Mil perguntas surgiram em sua mente, mas conseguira formular apenas aquela.

A mãe lançou-lhe um olhar irritado.

– Podemos imaginar. Perguntou por você. O pobre Lambert não sabia o que fazer com ele, mas graças a Deus o infeliz teve o bom senso de levá-lo até a sala principal.

Seu prometido estava na sala principal. O criador de ovelhas. O gordo, careca, descuidado, baixinho e malcheiroso criador a quem os pais a haviam prometido em casamento, um homem que, em seus 19 anos, nunca vira.

– Acho que vou desmaiar – murmurou.

– Não, você não vai desmaiar. Além do mais, a culpa é sua, se comportando dessa maneira. Ele provavelmente veio até aqui para insistir que você rompa de uma vez por todas o acordo de casamento.

Anne animou-se um pouco.

– A senhora acha?

Agora que o idiota do marquês havia invadido Londres, a perspectiva de a mãe importuná-la para que se casasse com outro não lhe parecia tão terrível assim.

As duas pararam diante da porta fechada da sala.

– Não duvido nada – sussurrou a mãe, irritada.

Ela abriu a porta e fez a filha entrar.

– Seja...

Mas, antes mesmo de terminar a frase, a porta se fechou atrás dela.

Lá estava ele, de pé, aquecendo as mãos diante da lareira. Durante um breve momento, Anne fitou seu perfil. Não era careca nem baixo, e sem dúvida não parecia gordo no paletó rente ao corpo. Aristocrático, no sentido antigo e elegante da palavra, pensou ela abruptamente.

– O senhor é o marquês de Halfurst? – deixou escapar, sentindo o sangue lhe subir às faces.

Ele se virou para ela devagar. Olhos cinza-escuros, um deles obscurecido por uma mecha de cabelo úmido e negro como carvão, a examinaram com tamanho rigor que a deixaram sem ar.

– Eu mesmo.

Sua resposta, em tom baixo, saiu ligeiramente entrecortada no final, embora ela não soubesse se era porque estava irritado ou se divertindo.

– Lady Anne, imagino.

Nem feio, percebeu ela com um leve suspiro. Então despertou de seus devaneios e fez uma reverência, ainda que tardia.

– O que... o que o traz a Londres, senhor?

– Anjinhos na neve – respondeu ele, no mesmo tom de voz.

– Anjinhos... não entendi.

O marquês levou a mão ao bolso e pegou um papel dobrado várias vezes. Encarando-a com olhos penetrantes, caminhou em sua direção e estendeu-lhe um papel.

– Anjinhos na neve – repetiu.

Anne pegou o papel com todo o cuidado para não tocar nas mãos dele. Era tolice, mas tocar nele tornaria sua presença inequivocamente... real. O enorme anel de rubi no dedo indicador da mão direita dele brilhou à luz da lareira, conferindo à cena uma atmosfera ainda mais sombria, surreal. Olhando para seu rosto esguio e impassível, ela desdobrou o papel surrado. E empalideceu.

– Ah, eu... ah... Ora, lady Whistledown é mestra em exagerar.

– Entendo – murmurou ele.

A voz dele, por mais calma que estivesse, reverberou por sua coluna.

– Quer dizer que a senhorita não estava rolando na neve com sir Royce Pemberley?

A surpresa por sua inesperada chegada começou a diminuir. Tinha que admitir: ele era alto e musculoso, com um rosto esguio e gracioso que poderia inspirar qualquer poeta, mas ela tinha outras preocupações além da aparência dele. Em primeiro lugar, era um homem rude. Ela piscou, forçando-se a desviar o olhar de seu semblante de deus grego.

Os trajés do marquês certamente não estavam à altura dos padrões londrinos com os quais estava acostumada. O terno era bem cortado, mas o estilo, com certeza de uns seis anos antes. As calças de camurça pareciam já ter visto dias bem melhores, embora a qualidade de suas botas fosse indistinguível sob a lama e a neve que as cobriam.

– Eu não estava rolando com ninguém, lorde Halfurst. Sir Royce tropeçou na neve e, ao tentar ajudá-lo a se levantar, também perdi o equilíbrio.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– E os anjinhos na neve?

Anne resistiu ao impulso de limpar a garganta. Deus do céu, nem sua mãe fazia tantas perguntas, e certamente não nesse tom.

– Pareceu-me o que devia ser feito, milorde.

Seus lábios contraíram-se.

– Imagino que não aconteça com frequência, estou certo?

Anne franziu a testa. *Agora ele estava zombando dela?*

– O senhor poderia ter ao menos me cumprimentado antes de começar a me repreender, lorde Halfurst.

– Considerando que passei os últimos três dias cavalcando na neve, no gelo e na lama para descobrir por que diabo minha prometida anda por aí na companhia de... – Ele tirou o papel das mãos dela. – De alguém que “não é seu prometido”, acredito que fui até bastante cortês.

Maximilian Trent, o marquês de Halfurst, estreitou os olhos. Esperava que ela fosse ficar surpresa com sua chegada, mas não que fosse ser tão ofensiva. A

jovem esguia à sua frente, com as mãos fechadas em punho e cabelos escuros espessos enrolados no alto da cabeça, não parecia se importar com o que ele esperava. E ele achou aquilo interessante.

Por menos que gostasse de sair de Yorkshire, tinha que admitir: já era hora. A coluna de lady Whistledown havia deixado duas coisas bem claras: primeiro, teria que ir a Londres buscar a noiva, uma vez que ela obviamente não iria ao seu encontro; segundo, se seus pares, em fofocas anônimas ou não, tinham começado a duvidar de sua masculinidade, isso queria dizer que ficara afastado de Londres por tempo demais. E quando pousou os olhos na mulher que lhe fora prometida em casamento há dezenove de seus 26 anos, seu primeiro pensamento foi que deveria ter vindo a Londres antes.

– Eu não estava “andando por aí” com sir Royce. Ele é um amigo.

– Ex-amigo – corrigiu Maximilian.

Tendo em vista que era a primeira vez que se falavam, a convicção que sentiu na própria voz o surpreendeu.

Ela agora o encarava sem resquício da curiosidade anterior nos olhos verde-musgo.

– O senhor não tem o direito de...

– Seja como for – interrompeu-a –, aqui estou. – Ele deu um passo lento na direção dela. – Onde está seu pai?

Ela franziu a testa.

– Com o príncipe regente. Por quê?

– Quanto antes acertarmos os detalhes, melhor. Assim poderemos partir antes que tenha mais alguma aventura com anjinhos na neve.

Ela deu um passo para trás, também lentamente.

– Partir? Para onde?

– Para Halfurst. Nesta época do ano não posso me dar ao luxo de ficar fora por muito tempo.

Lady Anne ficou parada, as mãos alisando o pesado vestido cor de lavanda.

– Assim, de repente? O senhor aparece depois de dezenove anos e... do nada... vamos nos casar e ir morar no meio do mato?

– Yorkshire não fica no meio do mato – replicou ele, tirando o relógio do bolso.

Se partissem antes do meio-dia, poderiam estar em Halfurst até o fim da semana, mesmo no ritmo mais lento imposto pelo mau tempo e pelo fato de estar acompanhado da noiva. Franziu os lábios, examinando-a mais uma vez. Com a dama a sua frente como noiva, talvez fosse necessário – e agradável – fazer várias paradas ao longo do caminho.

– Não – disse ela, de forma enfática.

Maximilian tirou os olhos do relógio.

– O quê?

Notou nela certa hesitação, embora os ombros se mantivessem firmes e o queixo elevado.

– Eu disse não.

Ele fechou o relógio de bolso com um estalo.

– Isso eu ouvi. Gostaria de saber o que quis dizer.

– Acredito ter deixado bem claro, lorde Halfurst. Quero dizer que não sairei de Londres para acompanhá-lo até Yorkshire e que...

– Gostaria de casar-se aqui? Talvez seja possível conseguir uma licença especial sem muita dificuldade.

Fazia sentido. Ela crescera em Londres, e ele não tinha objeção alguma a casar-se ali.

– Deixe-me terminar – continuou ela, com um tremor na bela voz. – Simplesmente não vou para Yorkshire, e prefiro cair morta a casar-me com o senhor.

Maximilian contraiu os lábios, sem acreditar no que ouvia.

– A senhorita não pode dizer não. É uma decisão que não lhe cabe, lady Anne – protestou ele, a raiva começando a dominá-lo. – Seus pais...

– Tenho certeza de que meus pais simplesmente deixaram de lhe informar que não gostariam de me ver infeliz por me casar com um homem que nunca vi antes e que, permita-me acrescentar, em dezenove anos, jamais se deu ao trabalho de me enviar uma carta, um bilhete ou um pedaço de papel amassado sequer.

Ele levantou uma sobrancelha, perguntando-se a quem ela estava tentando convencer, a ele ou a si própria.

– A senhorita...

– Nada sei sobre seu caráter, milorde – afirmou –, e em hipótese alguma me permitirei ser arrastada de Londres por um estranho.

– Talvez devesse ter considerado me informar disso antes.

Essa mulher, sete anos mais jovem que ele, não ditaria os termos de seu casamento. Essa bela mulher não escaparia simplesmente porque ele não lhe escrevera durante todo esse tempo.

– Se tivesse se dado ao trabalho de se apresentar antes, talvez eu não recusasse sua corte.

Ela tinha pouco a seu favor: os pais enfrentariam o ridículo e o constrangimento se lhe permitissem dissolver um acordo tão antigo; além disso, ele *ti-*

nha, sim, se correspondido com o pai dela, e sabia perfeitamente que tanto lord quanto lady Daven apoiavam o acordo. Maximilian abriu a boca, mas logo voltou a fechá-la. Já havia vencido, embora ela ainda não tivesse percebido. O que quer que desejasse dizer em seguida, não seria agradável, tampouco útil, tendo em vista que estava cansado, com frio e molhado. E de nada adiantaria dificultar ainda mais as circunstâncias de sua união.

Olhou-a atentamente por um momento. O colorido de seu rosto, o leve arfar de seu peito, a forma como seus dedos apertavam o tecido pesado do vestido – ele não faria progresso algum se gritasse com ela. Entretanto, pretendia fazer progressos. Não seria nada divertido vencer porque ela não tinha opção. Com um último pensamento de pesar sobre os prováveis estragos que o tempo ruim estaria fazendo na North Road, ele fez que sim com a cabeça.

– Talvez a senhorita tenha razão.

– Tal... vez? Ora, claro que *tenho* – replicou Anne, uma óbvia expressão de alívio suavizando os traços do rosto.

Meu Deus, como ela era adorável. Por essa não podia esperar. Na verdade, não esperava alguém como *ela*, de jeito nenhum.

– Deixe-me então reparar meu erro.

Anne franziu a testa, mas em seguida suavizou a expressão.

– Não será necessário.

– Então acha que devo voltar imediatamente para Yorkshire? – perguntou o marquês, um toque de ironia voltando ao tom de voz.

Por mais inesperada que a aparência dela fosse para ele, lady Anne estava ainda mais atordoada pela chegada repentina *dele*.

– Bem, o senhor deixou claro que não gostaria de ficar muito tempo longe de Yorkshire.

– Sim, eu sei. Antes, porém, ficaria honrado se a senhorita fosse comigo ao... – disse, virando o papel amassado – Theatre Royal, hoje à noite, para assistirmos a *O mercador de Veneza*. – Ele voltou a encará-la. – Se não me engano, Edmund Kean faz o papel de Shylock.

– Sim, ele mesmo – respondeu ela, um sorriso iluminando os olhos e transformando-os em esmeraldas. – Dizem que sua atuação está impecável. Na verdade...

Ela se interrompeu, corando.

– Na verdade o quê? – indagou ele.

– Nada.

– Ótimo. Passo para buscá-la hoje às sete.

Sentindo a necessidade de tocá-la, Maximilian deu mais um passo à frente. Levou as mãos ao pulso de Anne e a fez soltar os dedos do vestido.

Ela engoliu em seco quando ele levou sua mão aos lábios. Uma lenta onda de calor lhe subiu pelas veias quando o encarou com seus cílios longos e curvados.

– Até mais tarde – murmurou ele, soltando sua mão enquanto a mente evocava tudo o que preferiria estar fazendo com ela.

Sem esperar resposta, dirigiu-se ao corredor e, depois, ao vestíbulo, para pegar o chapéu e o sobretudo. Tinha outros assuntos a tratar. E não precisou ver a expressão de surpresa do mordomo ao notar seus trajes antiquados para saber qual deles era o mais urgente.

Ao chegar à cidade, havia algumas horas, ele praticamente não pensara em mais nada além de buscar lady Anne e voltar logo para Yorkshire. Depois de vê-la, entretanto, a ideia de cortejá-la um pouco não lhe pareceu mais tão repugnante assim, no fim das contas.


CAPÍTULO 2

Esta autora não costuma gabar-se da própria importância, mas há rumores de que sua coluna, datada da semana anterior, tenha sido diretamente responsável pela recente chegada à cidade de ninguém mais, ninguém menos, que Maximilian Trent, marquês de Halfurst. Aparentemente, o bom lorde opôs-se às escapadas de sua prometida com sir Royce Pemberley.

E, como se não bastasse, diz-se que ele vem perseguindo lady Anne (no bom sentido da palavra). Considere, querida leitora, os acontecimentos que se desenrolaram na noite de sábado no Theatre Royal...

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

31 de janeiro de 1814

— ocê o rejeitou. Anne continuou a andar de um lado para outro, ignorando os lastimáveis suspiros da criada, Daisy, que tentava dar os retoques finais em seu penteado.

– A senhora devia tê-lo ouvido, mamãe. “Chega de se divertir e acompanhe-me imediatamente ao meio do nada.”

– Ele não disse isso.

– Mas poderia muito bem ter dito.

Lady Daven, sentada na cama observando Anne andar de um lado para outro, balançou a cabeça.

– Não importa. Você não pode recusá-lo. Seu pai e o antigo marquês de Halfurst fizeram...

– Então ele que se case com o marquês! Não pedi para ser exilada em Yorkshire!

– Ontem você estava feliz por ter sido prometida a Halfurst.

Ontem ela jamais teria imaginado que ele fosse realmente aparecer. Franzindo a testa, Anne acabou cedendo e sentou-se, permitindo que Daisy finalizasse o penteado.

– Não gosto dele. Isso não basta?

– Você acabou de conhecê-lo. E com certeza não pode se queixar da aparência dele.

Aquela fora a parte mais inquietante do encontro. Ele era, de fato, bonito – muito mais do que poderia imaginar.

– Sim, as feições são bastante agradáveis – admitiu. – Mas a senhora notou os trajes? Deus do céu, com certeza antiquados! E ele foi cruel. Como esperava que eu reagisse?

A mãe suspirou.

– Talvez estivesse ansioso por conhecê-la.

– Não acho que estava ansioso com nada – murmurou Anne.

– Quaisquer que sejam seus receios iniciais, você voltará a encontrá-lo, Anne. A não ser que venhamos a descobrir nele algum tipo de desequilíbrio mental, o acordo está mantido. A honra de seu pai depende disso.

– Ele se ofereceu para me levar ao teatro hoje – disse Anne, franzindo a testa. – Na verdade, praticamente ordenou que eu o acompanhasse.

– Que bom. Seu pai e eu aguardaremos que nos relate o que acontecer esta noite.

Com as saias do vestido farfalhando, lady Daven pôs-se de pé e deixou o quarto.

– Isso não é *nada* bom – disse Anne depois que a porta se fechou. – Não gosto de receber ordens, muito menos de um criador de ovelhas com roupas antiquadas.

Mas que olhos. Balançou a cabeça, tentando se livrar dos pensamentos.

– E eu realmente não gostaria de ser vista na companhia dele. Todos zombarão de mim.

– Milady?

– Daisy, diga a Lambert que me avise, e só a mim, quando lorde Howard chegar.

– Mas...

– Sem discussão, por favor. Não vou passar o resto da vida aprisionada em Yorkshire.

Enquanto a criada se apressava a descer as escadas, Anne recostou-se e começou a mexer distraidamente nos brincos. Sua mãe ficaria lívida se soubesse que lorde Howard ainda alimentava a expectativa de levá-la ao teatro. Anne não sabia ao certo por que decidira ser tão rebelde... exceto pelo fato de o marquês de Halfurst ter chegado sabendo que já vencera, e não ter sido nem um pouco humilde com relação a isso. Nem se dera ao trabalho de considerar os sentimentos e a situação dela.

Alguém bateu freneticamente à porta do quarto.

– Entre – disse ela, pondo-se de pé em um salto.

– Milady, lorde Howard chegou, e ouvi a condessa, sua mãe, na sala de estar!
– informou Daisy.

Anne reprimiu um suspiro nervoso.

– Muito bem. Pegue seu xale, vamos sair.

Com uma expressão de desalento, a criada assentiu.

– Como quiser, milady.

– Não se preocupe, Daisy. Não deixarei que qualquer ira caia sobre seus ombros.

– Assim espero.



– Quer dizer então que ele apareceu do nada, em uma carroça, na expectativa de que você fosse imediatamente para Yorkshire com ele?

Desmond Howard acenou para os lacaios enquanto ele e Anne passavam pela porta principal do Theatre Royal e subiam as escadas que levavam ao camarote, onde só os mais abastados podiam entrar.

Agora que tinham chegado ao teatro sem ser descobertos ou detidos por lorde Halfurst ou qualquer membro da família, Anne relaxou um pouco.

– Sim, sem sequer pedir licença ou dar bom dia.

– Parece mesmo algo que ele faria.

Anne olhou de forma incisiva para a expressão severa do visconde.

– Conhece lorde Halfurst?

Estava com a mão apoiada em seu braço, e sentiu quando ele deu de ombros.

– De passagem. Frequentamos Oxford na mesma época. Não o vejo desde a última vez que estive em Londres.

Até aquele momento, ela não sabia que ele já estivera em Londres.

– Quando foi isso?

– Há uns sete ou oito anos, acredito.

– Hum. E na ocasião ele também não se deu ao trabalho de me procurar.

Evidentemente, na época ela tinha apenas 12 ou 13 anos, mas eles já eram comprometidos.

– Ele ficou por pouco tempo. Foi quando o marquês, pai dele, faleceu, se não me engano. – O visconde soltou uma risada. – Imagino que não estava muito ansioso para permanecer na cidade, pois seus credores deixaram escapar que ele estava quase falido.

Que maravilha. Além de arrogante, Halfurst era pobre. Seus pais com certeza não lhe contaram esse detalhe e estavam loucos se acreditavam que ela estaria disposta a ir viver numa cabana, por mais bonito que ele fosse.

– Que agradável – murmurou.

Se o marquês precisava de seu dinheiro, seria ainda mais difícil fugir dele.

Lorde Howard riu de novo.

– Não se preocupe, Anne – continuou. – Hoje a senhorita está comigo. E saiba que, na posição dele, eu jamais afastaria uma flor tão adorável quanto a senhorita do solo fértil de Londres.

– Obrigada – replicou ela, comovida, sorrindo quando ele abriu a cortina de seu camarote para que ela passasse.

– O prazer é todo meu, acredite – murmurou ele, sentando-se ao seu lado.

À medida que os espectadores enchiam o teatro, uma agitação na plateia chamou sua atenção. Lá embaixo, em meio a uma multidão que parecia estar se divertindo com a farsa representada no palco, via-se um cavalheiro muito belo e bem-vestido, na companhia de uma dama igualmente bonita e bem-vestida, a Srta. Amelia Rellton.

– Quem é aquele que acompanha a Srta. Rellton? – perguntou ela, tentando não os encarar, embora, a julgar pela direção do binóculo de outros camarotes, ninguém mais tivesse reservas em fazê-lo.

– Hum. O marquês de Darington, acredito – respondeu Howard, voltando a se recostar. – Obviamente, perdeu o juízo. Levar uma dama à plateia. – Ele ajeitou-se na poltrona, aproximando-se mais um pouco, e lançou um olhar a Daisy, que se sentara no canto em silêncio. – Aparentemente, todos os jovens estão na cidade para a temporada de inverno... e atrás das mulheres.

Anne ficou repentinamente grata pela presença da criada.

– Talvez seja o frio – respondeu ela.

– Sem dúvida – afirmou ele, aproximando-se ainda mais. – Diga-me, minha querida, já pediu aos seus pais para dissolverem formalmente o acordo com Halfurst?

O brilho em seus olhos azuis parecia intenso demais para uma pergunta tão inocente, e Anne lembrou-se da advertência de Pauline de que ela tinha pretendentes, concordasse ou não.

– Expressei minhas reservas – respondeu Anne, com cuidado, ao mesmo tempo que se perguntava por que estava sendo tão cautelosa.

Assim que convencesse os pais a desfazerem o acordo com Halfurst, a mãe certamente a faria se casar com outro.

– “Reservas” não condiz com suas observações anteriores – replicou ele, cumprimentando com um aceno de cabeça um conhecido no camarote vizinho.

No palco, as cortinas se abriram.

– Shh! Vai começar – sussurrou ela, acomodando-se na poltrona e sentindo-se mais grata do que nunca por assistir à atuação de Edmund Kean.

Hipnotizada, ficou em silêncio até o intervalo. Nunca vira alguém representar Shylock daquela maneira, com tanta maestria. Não era de admirar que a atuação de Edmund Kean estivesse causando tanto alvoroço em Londres.

Quando as cortinas se fecharam, Anne se juntou aos aplausos.

– Meu Deus! – exclamou, sorrindo. – Edmund Kean é...

– ...absolutamente envolvente – interrompeu uma voz calma vinda da entrada do camarote. – Uma atuação impecável, até agora.

Anne e lorde Howard viraram-se juntos, e o lorde levantou-se abruptamente.

– Halfurst.

O marquês não se mexeu, permaneceu relaxado, encostado na parede ao lado da entrada do camarote. A julgar pela expressão de surpresa da criada, ela também não o vira entrar. Sua silhueta esguia estava oculta na sombra, mas Anne podia sentir seu olhar sobre ela.

– Lorde Howard – continuou Halfurst com a mesma tranquilidade na voz.

– Recordo-me que tinha certo gosto por apostas... e pela esposa dos outros, ao que parece.

– Não sou sua esposa – sussurrou Anne.

Ele endireitou os ombros.

– No entanto, *deveria* estar em minha companhia esta noite, não?

– Eu...

– Lady Anne tomou a sábia decisão de me acompanhar, em vez de acompanhá-lo – intrometeu-se lorde Howard. – E eu lhe agradecería se não insultasse meu caráter, Halfurst.

O marquês deu um passo adiante, em direção à pálida luz dos candelabros. Anne prendeu a respiração. Ele já não usava mais o traje obsoleto de antes. Estava de paletó e calça cinza-escuros que pareciam ter sido feitos sob medida para seu corpo musculoso – não havia possibilidade de serem um empréstimo. Sua mente, entretanto, recusava-se a discorrer mais sobre a origem daqueles trajes. Em vez disso, ela olhou-o de cima a baixo: dos olhos acinzentados e brilhantes ao colete preto, camisa de linho e gravata branca.

– O senhor... mudou – conseguiu dizer, enrubescendo.

– De roupa, apenas – replicou o marquês, sem tirar os olhos dela. – A senhorita pareceu não aprovar meus trajes hoje de manhã.

– É melhor o senhor sair daqui – interveio lorde Howard.

Anne sobressaltou-se. Quase se esquecera de sua presença. Lorde Howard tinha a atitude confiante que via com muita frequência em seu rosto anguloso e bonito, a aparência de quem sabia que estava em posição de vantagem e pretendia usá-la. Sem dúvida, estava prestes a escorraçar Halfurst dali. Era quase uma pena. Não teria se importado em passar a noite admirando o marquês naqueles trajes esplêndidos.

– Não tenho intenção de ficar – replicou lorde Halfurst, esboçando um leve sorriso sem humor. – A vista do seu camarote é sofrível. Só estou aqui para levar minha noiva a um ponto de observação mais vantajoso, ou seja, ao *meu* camarote.

– Ela está comigo. O senhor deveria colocar isso nesta sua cabeça dura de Yorkshire.

– Desmond – protestou Anne.

O visconde a ignorou, dando mais um passo à frente e aproximando-se do marquês.

– Será que o senhor esteve longe de Londres tanto tempo assim a ponto de esquecer completamente o que é ter boas maneiras? Saia daqui.

Halfurst apenas deu de ombros.

– Se tivesse esquecido minhas boas maneiras, neste exato momento estaria arrastando-o escada abaixo e o espancando até deixá-lo à beira da morte por ousar interpor-se entre mim e lady Anne. No entanto, vou apenas pedir à minha prometida que me acompanhe até meu camarote. Acredito ser uma atitude bastante polida de minha parte. – Ele voltou a olhar para Anne. – A senhorita não acha?

Lorde Howard enrubesceu.

– O senhor... Eu... Como ousa...

– Não gagueje, Howard – continuou o marquês. – Se tiver algo a dizer, diga agora. Caso contrário, ficará parecendo apenas um fanfarrão.

Estendeu em seguida a mão para Anne.

– Milady? Prometo-lhe uma vista totalmente livre pelo restante da peça.

Anne estava aturdida. Ninguém levava a melhor sobre lorde Howard em uma batalha verbal, e certamente nunca em um só golpe. Além disso, a forma como o marquês a olhava, como se fosse a única pessoa no teatro inteiro...

– E se eu me recusar a acompanhá-lo? – perguntou enfim, forçando o cérebro a voltar a funcionar.

Ela não era nenhuma noiva roubada, pelo amor de Deus. Ou era?

– Eu acabo com lorde Howard – respondeu o marquês, em um tom tão rude que ela não teve dúvida de que falava sério.

Ela se pôs de pé.

– Melhor então acompanhá-lo – disse, no tom mais controlado possível.

– Anne – protestou lorde Howard, tentando interceptá-la.

A mão de Halfurst o impediu, empurrando-o de volta a seu assento.

– Boa noite, Howard – disse, afastando-se para abrir as cortinas do camarote.

Maximilian pegou a mão enluvada de Anne e a colocou sobre o braço. Manteve os olhos afastados dela enquanto caminhavam pelo corredor de camarotes, a criada atrás dos dois. Quaisquer reservas que ela tivesse quanto a casar-se com ele eram obviamente mais sérias do que ele havia imaginado. Ao mesmo tempo, vendo-a naquele vestido decotado violeta-claro, a curva de seu colo chamando sua atenção, um cordão de pérolas pálidas adornando seu pescoço, não havia como permitir que outro homem se aproximasse dela.

Já esperava que fosse bela, mas não contara com o calor que o percorria quando olhava para ela, ainda mais intenso agora do que naquela manhã. Ele a decifraria e a faria desejá-lo da mesma maneira que a desejava... porque não sairia de Londres sem ela.

– Os ingressos para todas as apresentações de Edmund Kean estão esgotados. Como conseguiu entrar?

Maximilian abriu a cortina para que ela entrasse no camarote.

– Simplesmente pedi.

Enquanto tomava seu lugar, olhou-a de relance. Deduziu, por sua expressão, que ela não estava muito animada com esse arremedo de sequestro. Ele tampouco. Os pais obviamente não tinham controle sobre ela, mas mesmo eles ficaram surpresos ao descobrir que ela não estava em casa quando ele chegou para buscá-la e acompanhá-lo ao teatro.

– Não o acompanhei porque a vista de seu camarote é melhor, o senhor sabe.

– Claro que sei. A senhorita estava tentando preservar a integridade de lor-

de Howard. Nobre de sua parte, suponho, mas eu teria preferido que tivesse me acompanhado desde o início, como havia prometido.

– Não, *o senhor* prometeu por mim.

– E a senhorita não me contradisse. Manter sua palavra não é tão difícil, é? Anne estreitou os olhos.

– Fique zangado quanto quiser, mas ninguém me consultou a respeito de nada disso. Não espere que eu simplesmente... me renda.

Aparentemente ele havia subestimado tanto a noção de dever de lady Anne quanto o esforço que teria que fazer se a quisesse como noiva – e em sua cama.

– Espero que se renda – disse ele, com tranquilidade, estendendo a mão para pegar a dela.

Sua mão estava fechada e, ainda que por um momento tenha imaginado que ela poderia tentar socá-lo, ele inclinou-se para passar os lábios nos nós de seus dedos. A mão e a luva cheiravam a sabonete. O perfume, tão comum até então, o invadiu.

Ela o observou endireitar o corpo.

– Se espera que eu me renda – disse ela, a voz ligeiramente trêmula –, caberá ao senhor convencer-me.

Maximilian sorriu.

– Que comece a batalha.

CAPÍTULO 3

Curiosamente, lorde Howard foi visto deixando o Theatre Royal antes do final da peça. Estava visivelmente contrariado, bebendo de um frasco de maneira compulsiva.

Porém não se notavam nele hematomas, o que afastava qualquer rumor de que ele e lorde Halfurst haviam chegado às vias de fato por causa da adorável lady Anne. Realmente, ouviram-se palavras ásperas, levando esta autora a se perguntar como, exatamente, a briga foi evitada.

Esta autora com certeza não é do tipo sanguinária, mas não concorda, querida leitora, que um ou dois hematomas acrescentariam um pouco de caráter ao aspecto tão agradavelmente belo de lorde Howard?

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

31 de janeiro de 1814

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

